

Reflexão XV

Do projeto de Deus ao programa de Jesus de Nazaré (7)

A homilia continua....

Continuamos a ouvir Jesus de Nazaré, na homilia das Bem-aventuranças que preenche todo o Sermão da Montanha. Agora, o centro destes capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho de Mateus, também conhecido por oração do Pai-Nosso. Um verdadeiro resumo dos Evangelhos.

Depois de termos refletido e percebido o que está dentro do “santificado o nome Teu”, ou seja, o jeito de orar/viver/bendizer a Deus e de nos colocarmos em postura de nunca fechados em nós mesmos, mas no engrandecimento do nome do Outro, centrados no Alguém que amamos porque nos amou primeiro, continuamos a nossa reflexão pelo conteúdo dos versículos 10, 11 e 12 do capítulo 6 de Mateus. Recordemos que também Lucas trata este tema no capítulo 11, versículos 2, 3 e 4 do seu Evangelho. A forma como o faz é diferente como já trabalhamos na reflexão anterior.

Mt 6, 10

*¹⁰venha o teu reino,
seja feita a tua vontade,
como no céu, assim também na terra.*

Ou numa tradução mais direta do grego original:

*seja chegado o Reino Teu,
seja feito o Reino Teu,
como no Céu aqui na Terra.*

Jesus de Nazaré leva-nos pelo caminho do Reino. Vamos rezar o Reino, vamos rezar o projeto de Deus no programa ensinado e explicado por Ele, vamos rezar as ações do Pai, do *Abba*. É bonito este ensinamento, esta metodologia, para não entrarmos por caminhos de “romantismo” sempre interessantes, mas a maior parte das vezes, quase sempre, inconsequentes. Deus não é um ídolo. Amar Deus é amar o seu projeto, adorar e amar o que Ele é, quem Ele é.

Somos, assim, levados por Jesus de Nazaré a:

- Adorar o que Ele é (aqui na Terra como no Céu);
- A fazer o que Ele quer (o Reino);
- A fazer o que Ele faz (a Vontade d’Ele).

Deus tem um projeto para o nosso mundo e revela-o. O Céu não é um lugar. Estamos convocados a libertar-nos de “romantismos” e a “mergulhar” numa dinâmica.

E ... perguntaram a Jesus de Nazaré: Por que fazes aquilo que fazes?

Jo 5, 16-17

¹⁶Por causa disto, os judeus começaram a perseguir Jesus: porque fazia estas coisas ao sábado. ¹⁷Mas Jesus respondeu-lhes: «O meu Pai até agora trabalha, e Eu também trabalho»

Poderíamos dizer:

Amar o Pai não é ser filho mimado que fica em casa. É ir para a oficina como o Pai, é ir atrás d’Ele para fazer, ao nosso jeito, o que Ele faz. É ir para o trabalho (para o mundo).

Que o Reino de Deus se cumpra na Terra connosco que choramos, sofremos, nos alegramos. Aconteça em nós e através de nós aqui na terra e já. O Reino de Deus não é um Reino só para depois. Que venha já e cada vez mais.

Temos, de uma vez por todas, de fundar a nossa Fé não num Deus com poderes, transformando a nossa relação com Ele como se fora um negócio em que procuramos influenciar Deus para que coloque o Seu poder a nosso favor, mas antes, fundar a nossa Fé no projeto de Deus, um projeto de amor/salvação. Se a nossa Fé está centrada no amor que gera a ligação ao projeto de Deus, então entendemos a oração não a favor dos nossos projetos, mas abrimo-nos a Deus para que nos ponha no desígnio do Seu projeto.

Jesus de Nazaré é a plenitude desta disponibilidade para o Pai. Isto é muito mais que um culto ou uma moral religiosa. Muitas vezes fazer a vontade de Deus pode ser mesmo o contrário de uma prática, culto, farisaico a que somos tentados a chamar prática religiosa. O meu Pai trabalha assim e, Eu, também trabalho. Como Filho “babado” do Pai, tenho de fazer como Ele faz.

E chegados aqui poderemos perguntar: Qual é o segredo? Fazer o que já se disse acima.

- Adorar o que Deus é;
- Fazer o que Ele faz;
- . Querer que a Sua vontade seja feita já aqui na Terra.

Continuemos com mais 2 versículos quer em Mateus quer em Lucas.

Uma nota para clarificar:

De Céus a Céu. De uma visão cósmica da época a Céu, no singular, que não faz parte de uma linguagem cosmológica, mas antes de uma linguagem espiritual. Céu não é uma linguagem de um lugar, mas de uma comunhão. Ir para o Céu não é ir para os Céus, lá em cima. Fazer a vontade de Deus aqui na terra é fazê-lo em comunhão com o Seu projeto já e agora.

Agora, o paralelo em Lucas.

Notas prévias:

1. *Veja-se que Lucas não trata o Pai Nosso no Sermão da planície - capítulo 6 -, antes no capítulo 11 (correlativo do início do Sermão da Montanha em Mateus – as Bem-aventuranças). Tal opção, ajuda a confirmar que o Sermão da Montanha em Mateus é uma colagem de diversos ensinamentos de Jesus de Nazaré e não um relato histórico do que foi tratado pelo Mestre na colina do monte.*
2. *Tenha-se em conta que Mateus escreve para judeus que ousaram dar o passo para o projeto de Deus consagrado no programa de Jesus de Nazaré. Têm de vencer a “rigidez” da religião judaica baseada na centralidade do Templo de Jerusalém que acreditavam ser a morada do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob e onde guardavam o simbólico da presença de Yahvé – a arca da aliança. Com Jesus de Nazaré, a centralidade é outra e Mateus precisa de fazer a catequese. Lucas escreve para povos gentios e pagãos que nunca viveram no enquadramento de uma religião. Eram “virgens” para receber a boa notícia/evangelho e poucas palavras bastam. Importante é o sentido profundo das palavras e das ações.*

Lc 11, ... 2

venha o teu reino,

ou numa tradução mais direta do grego original:

chegando o Reino Teu,

Para Lucas basta. Tudo é catequese e explicação na vivência de um Reino em que o Rei é simbólica de comunhão com o mais pequeno, o sofredor, o despojado. Falar para quem entende esta linguagem, fica imediatamente fácil.

Continuemos com mais 2 versículos, quer em Mateus quer em Lucas.

Mt 6, 11-12

¹¹*O pão nosso de cada dia dá-nos hoje,*

¹²*Perdoa-nos as nossas ofensas,*

como também nós perdoamos a quem nos tem ofendido,

ou numa tradução mais direta do grego original:

O pão nosso para cada dia nos dai hoje

e perdoai as nossas dívidas

como também nós perdoamos a quem nos deve a nós,

Dá-nos o pão hoje é um sinónimo de confiança uma perspectiva filial com Deus. Noutra parte do Evangelho lê-se “Não andeis à procura do que precisareis amanhã. O vosso Pai sabe-o. Ocupai-vos/atirai-vos na busca do Reino”. Mas esta confiança não deve ser entendida como um amuleto. Não um deitar-se debaixo

da palmeira e depois, como que por encanto, tudo acontecerá. Tudo tem a ver com o jeito como pomos o nosso coração. Aqui, falar em pão pode ser arroz noutras latitudes. Fugamos da excessiva espiritualização do dia a dia de cada um de nós como seres mortais. Jesus de Nazaré lidava com pessoas que precisavam de pão (de milho ou de trigo) todos os dias. O que aqui se quer dizer é a lógica da confiança que conduz à partilha e nunca à acumulação. Diz-se pão nosso e não pão meu.

Também a referência ao maná do AT. Todos os dias Deus providenciava para que o pão, em lógica de comunhão, chegasse a cada um. E se acumulavam para mais de um dia, o resultado era o bolor e a impossibilidade de ser usado.

Antes como agora, todos estamos chamados a ser um novo povo. Gente em Êxodo, caminho, processo de libertação.

Continuemos:

Recuperemos o conceito e a prática do Jubileu (*infelizmente pouco prática no AT e nada ontem e hoje*). Representava no AT o tempo de um ano depois da plenitude (7 x 7) – 49 anos. Portanto o 50º ano. Era o ano da libertação da terra e das dívidas. Tudo voltava à posse dos iniciais proprietários para o início de um novo ciclo de 49 anos (7 x 7) de uma nova plenitude.

Percebido o enquadramento, o dono das terras e de todos os restantes bens – o Criador -, fazia valer o seu veredito. Eu sou o dono e vós os hóspedes. Assim como Eu perdoar (Deus significa amor/perdão) também vós, meus hóspedes, deveis perdoar. Estamos perante a elementar prática da justiça.

Percebamos o que quis dizer Jesus de Nazaré na sinagoga de Nazaré, citando Isaías e sobre o que acabamos de refletir:

Lc 4, 16-20

¹⁶Foi a Nazaré, onde fora criado, e, segundo o seu costume, entrou em dia de Sábado na sinagoga e levantou-se para ler. ¹⁷Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. Desenrolando-o, encontrou a passagem onde estava escrito:

¹⁸O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres,
enviou-me a proclamar aos
prisioneiros a libertação
e aos cegos a recuperação da vista,
a mandar em liberdade
os oprimidos,

¹⁹a proclamar um ano favorável do Senhor.

²⁰Depois de enrolar o livro e de o devolver ao ajudante, sentou-se. Os olhos de todos na sinagoga estavam fixos nele. ²¹Começou, então, a dizer-lhes: «Hoje aos vossos ouvidos cumpriu-se esta escritura».

Ainda uma advertência:

Percebamos que a expressão: assim como nós não é, nunca foi, um comparativo, um condicional. Sempre foi um dizer em continuidade de filhos que querem ver e sentir um Pai feliz. Não um *perdoar como*, nem um *perdoar se*. Antes uma continuidade, uma consequência. Como o Pai (Deus) me perdoa, sempre, eu tenho de perdoar, sempre. É que, como já dissemos por diversas vezes, Jesus de Nazaré só se percebe na convivialidade com o *Abba* e com os últimos. Também conosco.

Em resumo:

Confiança implica comunhão e comunhão implica libertação a partir do sofrimento concreto dos últimos.

Senhor dá-nos pão para hoje (confiança/comunhão/partilha) e nenhuma dívida para amanhã (perdão e vida livre). Este o sonho/o Céu/o desejo de todos os pobres da terra.

Agora, o paralelo em Lucas.

Lc 11, 3-4

³dá-nos cada dia o nosso pão quotidiano,

⁴perdoa-nos os nossos pecados,

pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende

ou numa tradução mais direta do grego original:

*o pão nosso de cada dia dá-nos cada dia,
perdoa-nos os nossos pecados
porque nós também perdoamos a quem nos deve a nós,*

Nesta perícopes em Lucas, são válidas as reflexões feitas para a perícopes de Mateus. Escrito para pagãos e gentios não precisa de comentários. É vida quotidiana e percebida.

A homilia continua....

Reflexão baseada em propostas do P. Rui Santiago, CSSR

Apoio bibliográfico:

Papa Francisco, D. António Couto, Ariel Álvarez Valdés e Gianfranco Ravasi

Citações:

Os Quatro Evangelhos e os Salmos – CEP

Bíblia dos Capuchinhos.